

A INTERFACE COGNITIVA NOS PROCESSOS DE CATEGORIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

LA INTERFAZ COGNITIVA EN LOS PROCESOS DE CATEGORIZACIÓN Y CONSTRUCCIÓN DE IDENTIDADES

THE COGNITIVE INTERFACE IN PROCESSES OF CATEGORIZATION AND IDENTITY CONSTRUCTION

Lílian Noemia T. Melo Guimarães

Maria Sirleidy de Lima Cordeiro*

Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO: O artigo visa analisar as identidades atribuídas aos atores sociais participantes do Movimento Passe Livre no Brasil; e investigar como eles são categorizados pelo discurso noticioso. Fundamentamo-nos no argumento de que as categorias são marcadas por uma “instabilidade constitutiva”, ou seja, transformam-se a partir dos contextos (MONDADA; DUBOIS, 2003). Sobre o tema *contexto*, baseamo-nos nos pressupostos da Sociocognição. Isso proporciona que haja uma interface cognitiva entre categorização e construção de identidades. Analisamos notícias de divulgação *on-line* sobre o Movimento Passe Livre. Percebemos que, mesmo que haja uma mudança na categorização atribuída aos atores sociais do movimento, as categorias nominadas pelo discurso das notícias possibilitaram uma maior visibilidade social de imagens negativas desses grupos. O contexto foi considerado, nesses termos, como um dos elementos chave para que as categorizações e atribuições identitárias ocorressem.

PALAVRAS-CHAVE: Categorização. Identidade social. Modelos de contexto.

RESUMEN: El artículo tiene como objetivo analizar las identidades asignadas a los actores sociales participantes del Movimiento Pase Libre del Brasil; e investigar cómo ellos son categorizados por el discurso de prensa. Nos fundamentamos en el argumento de que las categorías están marcadas por una “inestabilidad constitutiva”, es decir, se transforman a partir de los contextos (MONDADA; DUBOIS, 2003). Para el tema contexto, nos basamos en los supuestos de la Sociocognición. Esto proporciona que haya una interfaz cognitiva entre categorización y construcción de identidades. Analizamos noticias de divulgación *on-line* sobre el Movimiento Pase Libre. Nos dimos cuenta de que, aunque haya un cambio en la categorización atribuida a los actores sociales del movimiento, las categorías designadas por el discurso de las noticias permitieron una mayor visibilidad social de imágenes negativas

*Alunas de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e bolsistas Capes. E-mails, respectivamente: lilian.noemia@gmail.com e sirleidy_lima@hotmail.com.

de estos grupos. El contexto fue considerado como un elemento clave para que las categorizaciones y las asignaciones de identidades ocurriesen.

PALABRAS-CLAVE: Categorización. Identidad Social. Modelos de contexto.

ABSTRACT: The article aims to analyze the identities attributed to social actors participating of Brazil's *Movimento Passe Livre* (Free Pass Movement) and to investigate the way these are categorized by the news talk. We are based on the argument that all categories are marked by a "constitutive instability", in other words, they are transformed by the contexts (MONDADA; DUBOIS, 2003). About the context theme, we are based on the Socio-cognition assumptions. That provides that there is a cognitive interface between categorization and identity construction. We analyzed on-line news pieces about the *Movimento Passe Livre*. We realized that, even if there is a change in the categorization attributed to the movement's social actors, the categories nominated by the news speeches have allowed a better social visibility of negative images of these groups. The context was considered as one of the key elements for the categorizations and identity attributions to occur.

KEYWORDS: Categorization. Social identity. Context models.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho pretende analisar as identidades atribuídas aos atores sociais mobilizadores e participantes do Movimento Passe Livre. Para isso, consideramos que o processo de categorização constitui-se como um dos mecanismos responsáveis pela construção de identidades sociais. Com isso, pretendemos especificamente analisar como os atores sociais responsáveis pelo Movimento Passe Livre no Brasil são categorizados pelo discurso noticioso. Baseamo-nos no fundamento de que as categorias são marcadas por uma "instabilidade constitutiva", ou seja, elas não são preexistentes, mas elaboradas no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos (MONDADA; DUBOIS, 2003). A partir disso, entendemos que o contexto será de grande importância para o processo de categorização.

Sobre contexto, fundamentando-nos nos pressupostos teóricos da Sociocognição, o entendemos como sendo uma construção interacional (re)elaborada entre os participantes de uma interação a partir de variados elementos em uma situação social específica que os interlocutores tomam como relevantes para a compreensão e produção de discursos (VAN DIJK, 2012). Os modelos de contexto, que para Van Dijk (2012) são o próprio contexto, constituem-se numa base mental tanto para a produção, bem como para recepção e compreensão de discursos (idem). Para produzir um discurso sobre um evento, por exemplo, os falantes ativam (ou atualizam) um modelo mental desse evento, ou seja, o que sabem sobre ele, qual a opinião que têm sobre ele, quem são os participantes que estão envolvidos nele etc. Uma vez produzido esse modelo de contexto, os falantes iniciam a produção de seus discursos. Sendo assim, acreditamos que os modelos de contexto constituem-se na base para o processo de categorização. Com isso, consideramos que tais modelos são essenciais para a construção de identidades dos atores sociais responsáveis pelo Movimento Passe Livre.

O Movimento Passe Livre, vulgo MPL, caracteriza-se por ser uma organização de um grupo social brasileiro que tem por finalidade solicitar a gratuidade no transporte público coletivo. Esse movimento, a fim de pressionar o poder público e de lutar pela tarifa zero, começou a ir às ruas em 2013. Acreditava-se que essa mobilização seria a melhor maneira de o movimento conseguir seu objetivo. Logo, milhares de pessoas juntaram-se ao MPL e começaram também a reivindicar por esse e outros objetivos. Por isso, nesse ano, o movimento conseguiu uma grande visibilidade na mídia. Entretanto, ele não teve início no ano de 2013; o MPL já existia desde 2005, ano de sua fundação em Porto Alegre.

Para atingir os propósitos de nossa investigação, os materiais utilizados para a delimitação do *corpus* restringem-se ao domínio jornalístico, tendo como foco notícias de divulgação pública *on-line*, no jornal Folha de S. Paulo, sobre o Movimento Passe Livre no

Estado de São Paulo¹. As notícias foram coletadas em dois momentos, início e fim do movimento (de 6 a 10 e de 22 a 25 de junho de 2013), pois procuramos observar se ocorreram mudanças, durante o movimento, de categorizações dos atores sociais, e com isso da visibilidade social que esses grupos vieram a ter. Detivemo-nos à análise da categorização dos atores sociais, partindo de uma metodologia de caráter essencialmente analítico e interpretativo, recorrendo à abordagem qualitativa e quantitativa dos dados para uma melhor exemplificação.

Em um primeiro momento, este trabalho trará uma abordagem teórica mais específica sobre os temas referentes à construção de identidade social, categorização e contexto. Em seguida, vamos expor as análises das notícias, procurando demonstrar a relação existente entre processo de categorização, influenciado pelo contexto, e construção de identidades sociais.

2 IDENTIDADE SOCIAL: BREVES CONSIDERAÇÕES

Identidade, segundo Hoffnagel (2010, p.64), constitui-se “[...] numa noção tão comum e cotidiana que é difícil de se chegar a um consenso sobre seu significado [...]”. Antigamente, este tema só fazia parte dos debates e meditações filosóficas. Hoje, como afirma Bauman (2005, p.23), é “[...] um assunto de extrema importância e evidência [...]”. Diversas áreas, como Antropologia, Sociologia, Linguística etc., dedicam-se a estudar o tema.

Os estudos que primeiro se dedicaram a pesquisar os aspectos relacionados à construção de identidade de um sujeito afirmavam que esse sujeito nascia possuindo uma identidade e que ela permanecia a mesma até a sua morte. Entretanto, as investigações posteriores direcionadas para a análise desse tema mudaram tal concepção. As identidades sociais passaram a ser vistas não como algo particular de um grupo ou de um indivíduo. Começou-se a divulgar a ideia da multiplicidade de identidades que um mesmo indivíduo poderia ter. Ou seja, as identidades passaram a ser consideradas como sendo cada vez mais fragmentadas e fraturadas. Desse modo, as condições para essa multiplicidade e as suas construções passaram a estar intimamente vinculadas às condições de existência, à cultura e às relações sociais em que o indivíduo ou o grupo encontrava-se inserido (SIGNORINI, 1998).

Identidade social significa o grau de visibilidade que o homem possui no domínio público, isto é, na posição que ele ocupa na hierarquia organizada das relações sociais (idem). Isso faz com que a construção social da identidade seja vista como algo que sempre ocorre em um contexto marcado por relações sociais de poder, ou seja, está sempre relacionada com a atribuição de valores. Devido a isso, não se pode definir identidade sem inseri-la em um contexto que seja marcado por relações sociais e de poder.

Consoante a isso, assegura Catells (2002) que a identidade se configura na posição que uma pessoa ocupa dentro da sociedade em relação à posição que os outros também ocupam. Ou seja, é no âmbito do jogo de poderes e de diferenças que as identidades sociais vão constituir-se e não fora dele. (HOFFNAGEL, 2010; MOITA LOPES, 2003). Quando, por exemplo, procuramos assumir a nossa identidade de brasileiro, estamos mostrando que nos diferenciamos de espanhóis, japoneses, italianos; ou, quando declaramos que somos professores, estamos estabelecendo uma distinção entre a nossa profissão e a de médicos, jornalistas, dentre outras.

Para Kitzinger (apud MOITA LOPES, 2003), são construídas, suprimidas e promovidas socialmente identidades sociais de acordo com os interesses políticos da ordem dominante. Isso permite que essas elas estejam ligadas à ideia de interesses e estejam investidas de ideologia. Desse modo, qualquer impulso para repensar a identidade também terá de ser uma resposta ideológica a uma ideologia existente e dominante (RAJAGOPALAN, 1998).

Bauman (2005, p.17) afirma que as identidades são bastante negociáveis e as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que ele percorre e a maneira como age são fatores relevantes para a sua constituição. Por meio do discurso é que essa construção acontece. Tomando por base tal fundamento, consideramos que o discurso midiático será um elemento essencial para a atribuição

¹ A eleição de tal jornal, em detrimento de outros, deveu-se ao fato de ele ser considerado o jornal de maior tiragem e circulação em todo o país. Essa informação foi obtida pelo Índice Verificador de Circulação de veículos impressos e digitais (IVCBRASIL, 2016).

identitária dos atores sociais que estão envolvidos no Movimento Passe Livre. O caminho que esses atores trilharam e os seus comportamentos foram, com certeza, primordiais para que as identidades sociais lhes fossem atribuídas. Entretanto, todos esses sujeitos envolvidos no movimento terão outras identidades que serão conferidas a eles, uma vez que se sabe que um mesmo sujeito pode ter várias imagens sociais. E é nesse ponto que o discurso da mídia entra em ação: atribuindo identidades diversas a esses sujeitos por meio de categorizações. Sobre este tema, exporemos algumas breves palavras no próximo tópico.

3 O PROCESSO DE CATEGORIZAÇÃO NUMA PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA

Nas atividades de referenciação, sabemos que o processo de categorização é um ponto central na construção dos objetos de discurso. Compreendemos objetos de discurso conforme Mondada (1994, p. 17) nos esclarece, com base no seguinte fundamento: para o “[...] objeto de discurso interessa ter em conta a imbricação das práticas cognitivas e sociais nas operações de referenciação, onde a referência é construída pela atividade enunciativa”. Com base nisso, este estudo não enfatiza a perspectiva de que a referência é uma “etiquetagem” do mundo, mas sim, um fenômeno que constrói discursivamente os objetos de discurso, cuja estabilidade de sentido é construída por meio da língua com bases nas ações linguística, cognitiva e contextual.

A questão da instabilidade e da estabilidade dos objetos de discurso tem uma relação intrínseca com a categorização, uma vez que os objetos de discurso não são preexistentes nem dados; são elaborados nas atividades discursivas, transformando-se a partir dos contextos. Nessa perspectiva, o processo de categorização articula-se à instabilidade e à estabilidade dos objetos de discurso no aspecto linguístico e conceitual, uma vez que os mesmos serão constituídos discursivamente no texto. Isso quer dizer que o item lexical utilizado para categorizar um objeto possui uma instabilidade conceitual *a priori*. No entanto, ao ser escolhido para a tessitura de um texto, esse item lexical poderá ter uma estabilidade ou instabilidade na ação discursiva e na produção de sentidos. Por causa disso, Mondada e Dubois (2003) asseguraram que a instabilidade e estabilidade são construídas a partir de categorizações sociodiscursivas, em que os conhecimentos enciclopédicos, culturais e de mundo associam-se e estabilizam o sentido do item lexical no discurso.

Vale ressaltar que, para Mondada e Dubois (2003, p. 33), “[...] uma categoria lexical impõe um ponto de vista, um domínio semântico de referência, a concorrer com outras categorias sugeridas, produzindo sentido a partir do contraste com o precedente”. Desse modo, compreendemos que os discursos materializam-se em categorizações as quais enquadram situações linguísticas socialmente situadas e, ao mesmo tempo, funcionam como poderosas estratégias de manipulação de argumentos, gerando pontos de vista diversos na interpretação do leitor. Conforme as autoras,

As categorias utilizadas para descrever o mundo mudam, por sua vez, sincrônica e diacronicamente: quer seja em discursos comuns ou em discursos científicos, elas são múltiplas e inconstantes; são controversas antes de serem fixadas normativa e historicamente. [...] A variabilidade das categorizações sociais mostra que há sempre, por exemplo, muitas categorias possíveis para identificar uma pessoa: ela pode ser igualmente tratada de ‘antieuropéia’ ou de ‘nacionalista’ segundo o ponto de vista ideológico adotado; diacronicamente, um ‘traidor’ pode tornar-se um ‘herói’. (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 22-23).

Em face dessas concepções postuladas pelas autoras, compreendemos que o processo de categorização é dinâmico, visto que os objetos de discurso são modificados, desativados, reativados, recategorizados, de modo a construir-se ou reconstruir-se em relação ao sentido no curso da progressão textual.

É necessário considerar, ainda, que o elo entre a categorização e a construção de identidades sociais, neste trabalho, é o contexto, pois é ele quem vai subsidiar, com os conhecimentos enciclopédicos e de mundo, a estabilidade e a instabilidade dos objetos de discurso, construindo sentidos discursivos ao texto e aos acontecimentos socialmente compartilhados. Sobre esse tema, vamos nos deter a algumas breves considerações no próximo tópico.

4 CONTEXTO SOB A LUZ DA SOCIOCOGNIÇÃO

O tema contexto desperta um interesse crescente de estudos em diversas áreas, como Literatura, Semiótica e Artes, Estudos do Discurso, Análise Crítica do Discurso, Sociologia, Etnografia e Antropologia, Psicologia, Ciências da Computação e em variados campos de estudo da Linguística (VAN DIJK, 2012). Cada uma dessas áreas direciona o seu olhar para o assunto sobre pontos de vista distintos e isso possibilita que o contexto seja definido e caracterizado de diversas maneiras.

A partir de questionamentos sobre a separação existente entre o que seria interno e externo, mental e social, nos processos cognitivos, novas visões e estudos começaram a ganhar espaço nas investigações sobre a cognição humana. Tais estudos repensaram os fundamentos que versavam sobre a cognição se constituir como um aspecto unicamente mental, e passaram a considerar o social como elemento fundamental para o desenvolvimento de processos cognitivos. A nova ideia que passava a se desenvolver agora era a seguinte: “[...] muitos processos cognitivos acontecem na sociedade [...]” (KOCH; CUNHA-LIMA, 2005, p.279). Ou seja, muito da cognição não estava na mente do indivíduo, como se pensava nos estudos clássicos, mas sim, fora dela, estava no social.

Essas novas ideias começaram a influenciar os estudos em relação ao que se entendia por contexto e à ênfase que se dava a ele no processamento cognitivo. O social, passando agora a ser considerado como elemento ímpar para a cognição, permite que os aspectos contextuais sejam tomados como fundamentais para a cognição humana. Como consequência disso – ou seja, da ideia de que a cognição se constitui na interação –, os estudos sobre interação, compreensão e inferências passaram a levar em consideração o contexto sob um novo ponto de vista, o sociocognitivo.

Tomando por base esses pressupostos teóricos da Sociocognição, ancoramo-nos no conceito de que contexto constitui-se em uma construção interacional (re)elaborada entre os participantes de uma interação a partir de variados elementos em uma situação social específica que os interlocutores tomam como relevantes para a compreensão e produção de discursos (VAN DIJK, 2012). Compartilhando dessa abordagem, destaca Falcone (2012) que as propriedades intersubjetivas dos interlocutores, os conhecimentos compartilhados entre eles e a ação de como interpretam os aspectos contextuais serão tidos como peças fundamentais para a compreensão do discurso, como, também, para controlar a produção do discurso. Diante disso, percebe-se que o contexto opera na produção de um texto (falado ou escrito) e nas práticas sociais discursivas mediadas pela cognição e linguagem.

Tal definição demonstra a importância que o contexto tem para os processos de produção e compreensão de textos e de discursos. Em relação a este último aspecto, Marcuschi (2008) enfatiza a ideia de que, para se compreender uma expressão linguística ou um texto em uso, é primordial entendê-lo em seus contextos. Desse modo, para o desenvolvimento de possibilidades de compreensão textual, faz-se necessário que o leitor, falante ou ouvinte não apenas leve em consideração a informação textual, mas também o contexto de determinada situação social.

Além de ser importante para a compreensão, como dizemos anteriormente fundamentadas em Van Dijk (2012) e Falcone (2012), o contexto também é de fundamental relevância para o processo de produção textual e discursiva. É neste ponto que a relação existente entre contexto e processo de categorização se faz presente. Isso porque, para que as diversas categorizações sejam elaboradas e reelaboradas, faz-se importante que o contexto seja sempre levado em consideração.

Assegura Van Dijk (2012) que o contexto pode ser considerado como sendo modelos de contexto. Eles configuram-se numa “base mental” tanto para a produção, a recepção e compreensão de discursos (VAN DIJK, 2001). Para produzir um discurso sobre um evento, por exemplo, os falantes ativam (ou atualizam) primeiramente um modelo mental deste evento. O que vai contribuir para a ativação deste modelo compreende exatamente o que esses falantes vão considerar como sendo importante no evento. Uma vez produzido esse modelo de contexto, é que os falantes iniciam a produção de seus discursos.

Com base nisso, poderíamos dizer que constantemente elaboramos e reelaboramos categorizações sobre as coisas do mundo, fundamentadas nesses modelos de contexto que todos nós – leitores e produtores de textos e de discurso – temos sobre o que nos cerca. E essas categorizações, como pretendemos demonstrar em nossas análises, muitas vezes, podem contribuir para atribuir

identidades sociais aos sujeitos. Vemos, a partir disso, como os aspectos da cognição, categorização e atribuição identitária estão intrinsecamente relacionados. Sobre isso, segue, no próximo tópico, uma abordagem um pouco mais detalhada.

5 RELAÇÃO ENTRE COGNIÇÃO, CATEGORIZAÇÃO E ATRIBUIÇÃO IDENTITÁRIA DOS ATORES SOCIAIS DO MOVIMENTO PASSE LIVRE

Van Leeuwen (1997), investigando a noção de representação social de alguns atores sociais, em discursos, apresenta algumas estratégias que os locutores podem recorrer para representar esses atores, e uma delas é a de categorização. Diz o estudioso que a categorização dos atores sociais pode se dar de duas maneiras fundamentais: uma relacionada às atividades que os atores realizam, como, por exemplo, suas funções ou ocupações, denominada, por isso, de funcionalização; e, outra, relacionada não àquilo que os atores fazem ou desempenham, mas ao que eles são, ou seja, o que os constitui e os diferencia de outros indivíduos, denominada de identificação.

A nosso ver, esses tipos de categorizações a que Van Leeuwen (1997) se refere servem de orientação para atribuir identidade a um indivíduo. Para que as construções das diversas identidades de uma pessoa aconteçam, podemos dizer que existem vários mecanismos e um deles constitui-se exatamente nas representações sociais que se fazem desses indivíduos. Ou seja, a maneira como esses atores sociais serão representados (categorizados) nos diversos discursos se constituirá no caminho para que as distintas e múltiplas construções identitárias de um ser ocorram.

Essas possibilidades de múltiplas identidades acontecem porque, segundo Hoffnagel (2010), as relações sociais em que o indivíduo ou o grupo se encontra inserido, as interações deles no curso de eventos comuns serão essenciais para influenciar a construção de tais identidades. E como as pessoas fazem parte de diversas relações e interações sociais, identidades diversas são criadas. A autora afirma também que as atribuições de identidades sociais são sempre inequivocadamente realizadas como um trabalho simbólico de um grupo com sua cultura. Dessa forma, concebe-se a ideia de que tais identidades são construídas sobre diferentes referenciais disponíveis e distintos recortes.

Com base nesses fundamentos, podemos dizer que essa multiplicidade de identidades acontece pela influência do contexto. Essas relações sociais, interações e cultura que a autora menciona constituem-se em situações sociais aos quais nós estamos inseridos. E são as interpretações que nós, indivíduos, temos dessas diversas situações sociais que vão nos ajudar a construir identidades sociais por meio das distintas categorizações que atribuímos aos atores sociais.

A partir disso, pensando na importância do contexto para as construções identitárias e na relação existente entre os processos de categorização e essa construção, iniciamos a análise das notícias que compunham o nosso *corpus* de pesquisa. Como já dito na introdução, esses textos noticiosos coletados foram publicados no jornal Folha de S. Paulo de divulgação *on-line*, cuja circulação se configura como uma das maiores do país. Tais textos foram selecionados em dois momentos, pois procuramos investigar se ocorreram mudanças de categorizações dos atores sociais e, conseqüentemente, de suas construções identitárias durante o período de início e de fim do movimento. O número de notícias publicadas nas datas mencionadas sobre o tema foi de dezoito notícias. Por restrições de espaço, limitamo-nos a apresentar neste artigo apenas a análise de um texto². O critério para a seleção dessa notícia foi a recorrência de categorizações pejorativas, a apresentação de xingamentos e a variabilidade significativa de categorizações atribuída aos atores das manifestações.

Antes de nos determos às análises mais detalhadas das notícias que compunham o nosso *corpus*, realizamos um levantamento das categorizações que o jornal decidiu eleger para se referir a esses atores sociais. No que se refere à ocorrência quantitativa das categorizações dadas aos atores sociais nas dezoito notícias publicadas, foram encontrados: **29** vezes a categorização manifestantes, sendo assim, a categorização mais recorrente; **13** vezes a categorização grupo; **3** vezes a categorização organizadores; **3** vezes a

² Mesmo expondo apenas um texto, as considerações finais que serão levantadas referem-se ao corpus como um todo.

categorização multidão; 4 vezes a categorização participantes; 2 vezes a categorização integrantes da passeata, 2 vezes a categorização pessoas e apenas 1 (uma) vez a categorização povo. Como podemos observar, a maior opção de escolha para categorizar os atores sociais foi a palavra **manifestantes**. Vale salientar que, no decorrer das análises, houve uma suavização nas categorizações, uma vez que o Movimento Passe Livre foi adquirindo mais credibilidade na sociedade e a mídia foi construindo outros objetos de discursos menos persuasivos negativamente.

Para melhor evidenciar nossa discussão, vejamos o exemplo selecionado, com sua respectiva análise³.

PROMOTOR SE DESCULPA APÓS INCITAR PM A SER VIOLENTA

TEXTO PUBLICADO POR ROGÉRIO ZAGALLO CHAMA MANIFESTANTES DE 'BUGIOS'⁴

O promotor Rogério Zagallo, da 5ª Vara do Júri de São Paulo, publicou texto no Facebook, na sexta-feira, com xingamentos a **manifestantes do Movimento Passe Livre** e incitando a violência.

Ontem, ele apagou o comentário, pediu desculpas e disse à Folha que foi apenas um desabafo.

"Estou há duas horas tentando voltar para casa, mas tem **um bando de bugios** revoltados parando a Faria Lima e a Marginal Pinheiros. Por favor alguém pode avisar a Tropa de Choque que essa região faz parte do meu Tribunal do Júri e que se eles matarem esses **filhos da puta** eu arquivarei o inquérito policial", diz o texto.

"Que saudades do tempo em que esse tipo de merda era resolvida com borrachada nas costas dos **merdas**", continua. Zagallo afirmou ontem que publicou o texto, mas que só mal-intencionados achariam que as declarações são sua opinião.

[...]

Os trechos destacados em negrito correspondem às categorizações dos atores sociais do Movimento Passe Livre dada pela mídia; são elas: **manifestantes**, **manifestantes do Movimento Passe Livre**, **um bando de bugios**, **filhos da puta**, **merdas**. Essas categorizações atribuídas aos participantes, discursivamente, constroem identidades as quais estão carregadas de julgamentos valorativos.

É importante expor que, para Mondada e Dubois (2003, p. 33), "[...] uma categoria lexical impõe um ponto de vista, um domínio semântico de referência, a concorrer com outras categorias sugeridas, e produzindo sentido a partir do contraste com o precedente". Assim, entendemos que os discursos se materializam em categorizações as quais enquadram situações linguísticas socialmente situadas e, ao mesmo tempo, funcionam como poderosas estratégias de manipulação de argumentos, gerando pontos de vista diversos na interpretação do leitor.

Pelo que foi exibido no texto acima, compreendemos que a categorização configura-se em um processo dinâmico de construção de objetos de discurso, em que a escolha do item lexical para categorizar os atores sociais mobilizadores e participantes do Movimento Passe Livre vai depender dos modelos de contexto. Desse modo, os modelos de contexto influenciam na categorização, que, por sua

³ É relevante dizer que em nossa análise não nos detemos apenas à categoria nominal dos participantes do movimento, mas também, a como tais atores são construídos no discurso como um todo, de maneira a proporcionar suas atribuições identitárias.

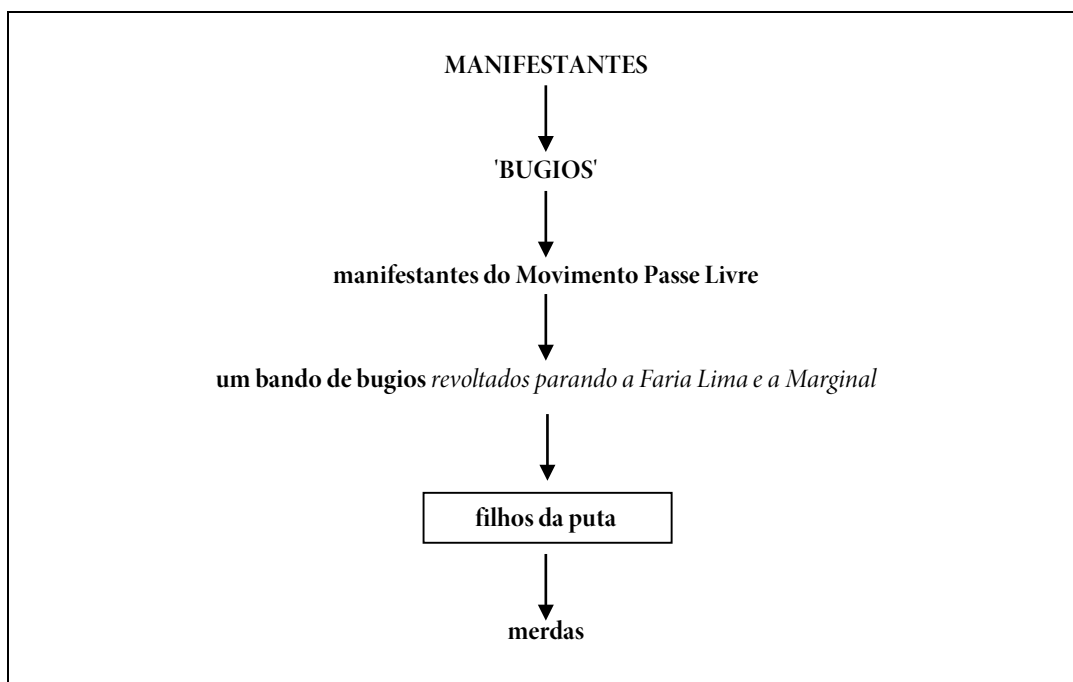
⁴ Texto publicado em 10 de junho de 2013, pelo Jornal Folha de S. Paulo (PROMOTOR..., 2013).

vez, vai exercer um papel norteador para a construção da significação, podendo conduzir o leitor a ver os acontecimentos sociais de um determinado ângulo que expressa e favorece um julgamento valorativo institucional no domínio jornalístico.

Além das categorizações dos atores serem chamativas, com alguns xingamentos, outro elemento que nos chamou a atenção nesse texto foi a cadeia referencial dos atores sociais do Movimento Passe Livre, a qual está retomando, categorizando e recategorizando os manifestantes dos eventos com uma variação lexical dinâmica. Desse modo, compreendemos que a seleção dos itens lexicais e o encadeamento discursivo podem construir as identidades desses atores, bem como, podem influenciar o leitor a construir julgamentos valorativos de acordo com o que o jornal está veiculando.

Vejamos na figura (1) a cadeia referencial sobre os manifestantes do evento, construída a partir do texto exposto acima:

Quadro 1: Cadeia Referencial sobre os atores sociais do Movimento Passe Livre.



Fonte: elaboração nossa (2014)

Ao observarmos a figura (1), vemos a construção de uma cadeia referencial e a ênfase de informações negativas sobre os atores das manifestações. Nesse exemplo, as categorizações sobre os manifestantes ancoram aspectos que são direcionados ao evento na atividade discursiva. Desse modo, as categorizações: **bugios**, **manifestantes do Movimento Passe Livre**, **um bando de bugios**, **filhos da puta** e **merdas** constroem uma cadeia referencial com uma variação lexical bastante versátil e dinâmica, atribuindo aos atores as predicções que acionam modelos de contexto com sentido negativo. O termo: bugios, por exemplo, possui o sentido de macacos; filhos da puta e merdas são termos que além de pejorativos, configuram-se, popularmente, como xingamentos muito grosseiros.

Assim, nessa cadeia referencial, podemos dizer que os objetos de discurso dentro de uma atividade de referência apresentam retomadas anafóricas e categorizações que deixam o texto mais dinâmico e informativo. Isso significa dizer que os manifestantes foram retomados e (re)construídos durante todo o texto com categorizações e recategorizações as quais enfatizam xingamentos, que se tornam visíveis e recorrentes na progressão tópica e na argumentação do texto, e que, ao mesmo tempo, constroem identidades com predicções e julgamentos valorativos negativos sobre os atores sociais do Movimento Passe Livre.

Portanto, diante do encadeamento textual-discursivo dos objetos de discurso e da cadeia referencial, vemos que as categorizações evidenciam características negativas aos manifestantes do evento, bem como, podem acionar modelos de contexto. Em vista disso, as categorizações encontradas nesse texto apresentam uma construção social e cognitiva da realidade na ação discursiva,

corroborando a assertiva de Marcuschi (2007, p. 98) quando diz: “[...] as categorias não são dadas nem naturais, mas construídas discursivamente [...]”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo, pudemos constatar que, mesmo havendo, no decorrer das publicações das notícias, uma mudança na categorização atribuída aos atores sociais responsáveis pelo movimento, as categorias nominadas pelo discurso dos textos noticiosos, além de ajudarem na construção de identidades múltiplas dos atores responsáveis pelo Movimento Passe Livre, possibilitaram uma maior visibilidade social de imagens negativas desse grupo.

Pudemos verificar que as categorizações e, conseqüentemente, as atribuições identitárias do grupo MPL, aconteceram por meio de uma interface cognitiva. Isso advém da influência que o contexto e, por conseguinte, os modelos de contexto tiveram para que o processo de categorização acontecesse e para que as identidades fossem construídas. Além disso, a construção dos objetos de discurso não foi aleatória, ela estava de acordo com os modelos de contexto e com as informações que o leitor e produtor do texto tinham armazenadas em sua memória, as quais são decorrentes de seus conhecimentos enciclopédicos e de mundo. Logo, as categorizações, como, por exemplo, **filhos da puta**, **bando de bugios**, **merdas**, foram pejorativas e foram, para o jornal, as que mais se adaptaram ao projeto de descrever e interpretar os atores do MPL. Vale ressaltar, também, que tais categorizações orientaram a direção argumentativa do texto, englobando um conjunto de valores que influenciaram os modelos de contexto e as visões de mundo dos leitores sobre os manifestantes.

A partir disso, consideramos que todo leitor deve estar atento às (re)categorizações e (re)significações dadas pela mídia aos atores sociais, visto que existe uma ação discursiva de posicionamentos valorativos, em maior ou menor grau, nas categorizações. Ressaltamos, ainda, o indicativo de que mais estudos devem ser realizados para investigar a categorização e a construção da identidade no domínio jornalístico, numa perspectiva sociocognitiva, pois, constatamos que as categorizações, para construir as identidades dos atores do MPL, constituem-se como uma atividade discursiva dinâmica a qual aciona modelos de contexto de uso real e autêntico da língua.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FALCONE, K. A. *O acesso dos excluídos ao espaço discursivo do jornal*. 2005. 276 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

HOFFNAGEL, J. C. *Temas em antropologia linguística*. Recife: Bagaço, 2010.

IVCBRASIL. Disponível em: <<http://www.ivcbrasil.org.br>>.

KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do Cognitivismo ao Sociognitivismo. In. MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à linguística*: fundamentos epistemológicos. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005. p.251-300.

MOITA LOPES, L. P. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais. In _____. (Org.). *Discursos de identidade*. São Paulo: Mercado de Letras, 2003. p.13-35

MONDADA, L. *Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir*. Approche linguistique de la construction des objets de discours. Lausanne: Université de Lausanne, Faculté de Lettres. Thèse pour obtenir le grade de docteur en lettres, 1994, 671 p.

_____. Processus de categorisation et construction discursive de categories. In: DUBOIS, D. (Org.). *Categorisation et cognition: de la perception au discours*. Paris: Editions Kimé, 1997. p. 291-313.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p.17- 52.

MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagens e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

PROMOTOR se desculpa após incitar pm a ser violenta. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 10 jun. 2013.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora de uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. São Paulo: Mercado de Letras, 1998. p.21-45.

SIGNORINI, I. (Des)construindo bordas e fronteiras: letramento e identidade social. In: _____. (Org.). *Língua(gem) e identidade*. São Paulo: Mercado de Letras, 1998. p. 139-171.

VAN DIJK, T. A. *Discurso, notícia e ideologia*. Porto: Campo das Letras, 2005.

_____. *Discurso e Contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

VAN LEEUVEN, T. A Representação dos atores sociais. In: PEDRO, E. R. (Org.). *Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997. p.169-222.

Recebido em 25/10/2015. Aceito em 29/11/2015.